

**CGTP**  
Intersindical Nacional

# Cultura

Director: Fernando Gomes | Série III, n.º 2, Maio de 2023  
ISSN: 1647-7359

@ CAD@CGTP.PT



# Luís Rodrigues, o seu percurso, a sua obra artística e o espólio que doou à CGTP-IN são o grande destaque neste **CGTP Cultura**.

O artista plástico assenta na «[...] admiração e [no] reconhecimento da esforçada actividade [da CGTP-IN] em prol da defesa dos trabalhadores e da transformação da sociedade [...]» os motivos que o levaram a doar 82 obras de pintura, a maior parte das quais nunca exposta, a esta confederação.

Com este nobre gesto, e no tom humilde que o caracteriza, afirma ser também sua «[...] intenção dar um modesto contributo para um acervo de arte contemporânea que poderá, adicionando mais trabalhos de maior valia e provenientes de outras origens, criar um espaço museológico que eventualmente a Direcção da CGTP-IN considere vir a criar para a fruição por todos os trabalhadores e não só.»

O registo de intenções que deixou plasmado na carta que dirigiu à CGTP-IN, em Setembro de 2021, foi acolhido com uma enorme alegria. Receber tamanho espólio de alguém com o vasto e multifacetado currículo artístico como é o de Luís Rodrigues, com a sua conhecida identificação com as causas sociais e caras aos trabalhadores e ao movimento sindical que os representa, só poderia representar o mais sentido reconhecimento pelo percurso secular de luta pela dignidade no trabalho, pela igualdade, pela justiça social, pela paz, pela liberdade, pela democracia, de que a CGTP-IN é legítima herdeira e empenhada continuadora.

Foi, pois, com um enorme sentido de responsabilidade que a CGTP-IN aceitou tão generosa e valiosa doação. Pelo percurso artístico de excelência do seu autor, pelo compromisso de respeitar as condições de preservação e divulgação que nos foram apresentadas, por simbolizar a continuidade de uma duradoura relação entre a comunidade artística, o movimento sindical e os trabalhadores. No que respeita ao compromisso de preservação e divulgação da obra acolhida, relembramos que a CGTP-IN iniciou, em 2017, um trabalho de inventariação,



preservação e divulgação do acervo museológico que foi acumulando desde a sua fundação, em 1970. É um trabalho recente, realizado de forma intermitente, e o espólio é muito diversificado, mas contempla uma coleção importante de arte contemporânea, com obras de artistas como Álvaro Perdigão, António Carmo, António Trindade, Cipriano Dourado, Gil Teixeira Lopes, Guilherme Mateus Casquilho, João Hogan, José António da Silva, José Cândido, José Santa-Bárbara, Lima de Carvalho, Matilde Marçal, Rogério Amaral, Rogério Ribeiro, Virgílio Domingues, e, agora, Luís Rodrigues. É um trabalho conduzido por técnicos especializados na área da Museologia, seguindo-se as recomendações, orientações e boas práticas técnicas desta disciplina.

As obras que Luís Rodrigues tão generosamente nos ofertou valorizam e enriquecem sobremaneira este espólio e são simultaneamente um testemunho de confiança e um estímulo fundamental para darmos continuidade a este trabalho, contribuindo, com isso, estamos certos, para a valorização da arte como elemento ao serviço da causa dos trabalhadores e da transformação da sociedade, como refere o Luís.

Para nos falar sobre a obra de Luís Rodrigues, convidámos Edgardo Xavier e desafiamos o artista a partilhar connosco algumas palavras.

Em nome da CGTP-IN, do movimento sindical e dos trabalhadores que representa, o nosso sentido e emocionado obrigado, Luís Rodrigues!

**Fernando Gomes**

*Membro da Comissão Executiva e do Secretariado do Conselho Nacional Responsável pelo Departamento de Cultura e Tempos Livres e Centro de Arquivo e Documentação*

## FICHA TÉCNICA

**Título:** CGTP Cultura  
**Série III, n.º 2, Maio de 2023**

**Director:** Fernando Gomes  
**Edição:** CGTP-IN - Departamento de Cultura e Tempos Livres  
**Revisão:** Filipe Caldeira  
**Tiragem:** 2000  
**Layout e paginação:** Colprinter, Indústria Gráfica  
**Impressão e acabamentos:** Colprinter, Indústria Gráfica

**Capa:** Luís Rodrigues, aguarela sobre papel, sem título, 22,5 x 19,5 cm, 2023

**Distribuição gratuita**

**Depósito Legal n.º:** 339188/12

**ISSN:**  
1647-7340 (versão impressa)  
1647-7359 (versão electrónica)

**Contactos:**  
© CGTP-IN  
Rua Victor Cordon, n.º 1, r/c  
1249-102 Lisboa  
Tel.: 213 236 500  
cad@cgtp.pt  
O boletim pode ser consultado, também, em <https://cad.cgtp.pt/>.

As imagens assinaladas com\* testemunham o processo de embalagem das obras doadas por Luís Rodrigues à CGTP-IN. Caldas da Rainha, 27 de Janeiro de 2022. © CGTP-IN/FC.

**Apoio:**

  
**Associação Mutualista Montepio**  
Juntos por todos



02



04



06



09



10



11

# índice

<u>EDITORIAL</u>	02
<u>ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN</u>	04
<u>LUÍS RODRIGUES — NOTA BIOGRÁFICA</u>	04
<u>“EU SOU O PRINCÍPIO DAQUILO QUE HEI-DE VIR A SER”</u>	09
<u>LUÍS RODRIGUES, PINTOR</u>	10
<u>LEITURAS — INVISÍVEIS OU TALVEZ NÃO!!! (recensão crítica de <i>As Invisíveis</i>)</u>	11

# ACERVO MUSEOLÓGICO

## CGTP-IN

### Luís Rodrigues Nota Biográfica

Nasceu em Lisboa a 17 de Dezembro de 1945.

Com 7 ou 8 anos, a mãe ofereceu-lhe a sua primeira paleta de aguarelas, que lhe despertara a atenção na montra de uma loja de materiais escolares, a caminho da escola. Ainda a conserva. Tal como guarda a caixa de aguarelas de seu pai, que «escarafunchava» na sua ausência – «[...] era uma caixa de aguarelas a sério.»

Criança ainda, entretinha-se, com lápis de cor, a desenhar os emblemas das equipas de futebol que saíam à quinta-feira n’*O Mundo de Aventuras*, que seu pai lhe oferecia.

O pai, que tinha «[...] imenso jeito para desenho [...]». Esse jeito manifestava-se quando desenhava, ao balcão da ourivesaria em que trabalhava, as jóias que as freguesas lhe descreviam e encomendavam. Mantém alguns desses desenhos, emoldurados, em casa.

***A aptidão do pai ficaria ainda patente no desenho da porta do sacrário da igreja do Loreto que havia sido encomendada à ourivesaria e de que o patrão o incumbira. Luís Rodrigues conserva os estudos dessa obra cuja autoria permaneceria publicamente desconhecida.***

A vocação para as artes germinava na família, mas Luís Rodrigues não considera «[...] que só as pessoas que têm alguma coisa que vem detrás é que consigam ser artistas. Eu acho que as pessoas, se quiserem, e desejarem muito, podem conseguir.» Considera que «[...] o que devemos perseguir é conseguirmos concretizar aquilo que nos dá prazer fazer, porque estar nisto das artes, eu não entendo isto como uma profissão, sinceramente. [...] há fases da vida em



que nós nos sentimos mais instáveis, e isso é a necessidade de pintarmos ou de desenharmos. Isso resolve alguns problemas de insatisfação, de solidão, é bom para a nossa auto-estima. Acho que isso é uma forma, de facto, de viver, é estar nas artes.»

Mas se a propensão para as artes se afirmava desde tenra idade, o sistema de ensino vigente parecia querer desviá-lo para outras lides. O artista recorda que estava «[...] condenado a ir para contabilista ou para serralheiro mecânico [...]». No ciclo preparatório, enquadraram-no na categoria dos que seguiriam o ensino técnico. Até que um professor de desenho lhe perguntou se sabia da existência de uma escola de artes...

***Foi assim que, nas décadas de 1950 e 1960, estudou pintura na Escola de Artes Decorativas António Arroio, a mesma instituição que as suas irmãs frequentaram: «[...] foi das coisas mais maravilhosas da minha vida [...]».***

Isabel Camarinha, Fernando Gomes e Luís Rodrigues na cerimónia de doação da obra do artista. Lisboa, 21 de Janeiro de 2022.  
© CGTP-IN/Jorge Caria.

foi por um colega, num café de Benfica, zona em que trabalhava numa empresa de decoração de interiores, que soube do 25 de Abril de 1974. «E eu achei isso uma coisa extraordinária. A verdade é que já ninguém trabalhava. E então, eu vim para Lisboa [...]. Lembro-me de ir ao Rossio, ver os GNR todos deitados atrás do Teatro D. Maria com sacos de areia e espingardas, com certeza, à espera que viesse a revolução por ali abaixo, que eles iam tomar conta da coisa. [...] Foi uma festa porque eu, naqueles dias seguintes, ia às manifestações todas. [...] À hora do almoço, almoçávamos num instante para ir a uma manifestação, porque havia imensas e diversificadas em Lisboa. Fui a várias.»

## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN



# O 25 de Abril e a militância sindical

**A seguir ao 25 de Abril, abraçaria a actividade sindical. «Eu fui dos primeiros sócios do Sindicato dos Técnicos de Desenho [...],**

um dos sindicatos iniciadores da Intersindical [...]. [...] Fiz parte das listas para a direcção, fiz parte daquelas comissões de conciliação e julgamento que havia no Ministério do Trabalho. Do PREC, lembra as barricadas junto à Rádio Renascença, em cujo prédio trabalhava, numa empresa de móveis. «Eu ainda tenho na minha posse uma ou duas cartas anónimas que escreveram para lá a dizer que iam lá pôr bombas [...].»

**Admite nunca ter tido a coragem para viver só da pintura, e admira «[...] os que tiveram essa coragem e que souberam criar condições para isso.» Confessa, porém, não estar arrependido de não ter trilhado esse caminho,**

«[...] porque essa é a parte da actividade artística com a qual eu não caso muito bem. Eu prefiro ser livre, e fazer o que eu quero [...].»

Com Guilherme Parente, Júlio Ferreira, Fernando Grade, José Manuel Man, entre outros, criou a Associação de Artes Plásticas de Cascais, espaço para *ateliers* e promoção dos artistas. «Convidámos muitos artistas que moravam ali na zona e fizemos a nossa associação. [...] tivemos imensos sócios. [...] foi uma boa experiência. Ficámos alguns bons amigos para sempre. [...] acho que foi... uma coisa que teve uma certa projecção e que, digamos, justificou um bocado a minha existência

como artista. Foi feita alguma coisa para tornar visível a actividade dos artistas, e lutou-se por alguma coisa que depois não se concretizou, mas pelo menos tentou-se.»

Mas, reconhece, «Não era o tipo de organizações que pudessem florescer na situação política que depois veio a ser aquela mais duradoura no nosso país. Esse tipo de associações dificilmente vencem, porque não podem viver da quotização dos artistas e, portanto, têm que viver com subsídios das autarquias. Só que as autarquias não entendem que devem subsidiar essas associações, mas devem-nas deixar ter iniciativa e serem livres.»

**Entre 1981 e 2018, realizou cerca de três dezenas de exposições individuais e participou em várias exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro.**

Falando sobre o modo como foram surgindo as oportunidades para integrar e realizar estas exposições, afirma que, «[...] como eu nunca tive um projecto, fui sempre aos sítios onde me convidavam. [...] Fui fazendo sempre e participando naquilo para o que me convidavam. [...] não há nada que eu possa descrever como sendo um percurso estudado, pensado ou que tenha sido a minha vontade. Aconteceu.»

De entre as exposições colectivas em que participou, destaca o conjunto das que integrou a convite do escultor Francisco Simões, que as organizou no âmbito da sua tese de licenciatura, em escolas da margem sul do Tejo. Admite que «[...] aquele contacto com os alunos, aquilo foi... eu nunca mais

me esqueço disso, foi uma experiência muito interessante.»

**Das exposições individuais, evoca as duas que realizou na galeria do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), o Espaço António Borges Coelho. Mas confessa que «[...] nunca é um sucesso do ponto de vista artístico porque ninguém sabe que aquilo acontece, porque os órgãos de informação não ligam nenhuma àquilo.»**

Pertenceu ao grupo de arte Viajarte: «Éramos quatro artistas. [...] Fizemos algumas exposições em autarquias.» Foi ilustrador das revistas *Marie Claire*, *DN Magazine* e *Pais e Filhos*: «[...] isso foi uma coisa interessante.»

A obra de Luís Rodrigues integra várias colecções particulares e de instituições. Está referenciado no *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, de Fernando de Pamplona, e em *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão: Guia 2010/2015*, de Jean-Pierre Blanchon.

## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN

## «De muitos lugares fiz a minha casa»

“De muitos lugares fiz a minha casa” Assim se intitulou a exposição individual que Luís Rodrigues patenteou na Ci-Diarte Galeria, em Lisboa, corria o ano de 2005. É o título do poema que Antonieta Nabais publicou no folheto que enquadra a exposição. E de muitos temas se faz também a obra de Luís Rodrigues. O corpo, a casa, a natureza, as cidades, a religião são alguns dos que permeiam as suas aquarelas, os seus desenhos, a sua obra.

Sobre os temas religiosos, afirma: «Tenho os temas religiosos não é porque eu seja religioso nem crente, mas acho que [...] a religião nos trouxe algumas coisas benéficas. A arte. Se não tivesse havido religião, não tinha havido música, pintura, escultura, que, digamos, nasceram com a Igreja, com a religião.»

A reflexão sobre o mundo urbano, as cidades e a sua evolução, histórica, arquitectónica, também está presente na obra do artista plástico.

**Questionado sobre o título de uma das colecções doadas à CGTP-IN, “Cidades Irrepetíveis”,**

recorda as palavras que escreveu: «Sei que as grandes cidades mataram as

aldeias.» Na entrevista à CGTP-IN, complementa: «As aldeias são as mães e os pais das grandes cidades, mas as cidades estão a matar as aldeias. E as “Cidades Irrepetíveis” tinha um bocado a ver com a própria destruição das cidades, porque elas são destruídas e não se repetem. E passa-se isso hoje, nestas cidades antigas, e vêem-se coisas diabólicas, quer dizer, vai tudo à frente, tudo é destruído em nome do desejo do negócio. E dizem que nos estão a dar e que aquilo melhora e tudo, mas estão a tirar-nos, aquilo dá cabo da história e da arquitectura.»

Quando se refere à identidade do seu trabalho artístico, no presente e no fu-

turo, revela não valorizar a assinatura dos seus trabalhos: «[...] não costumo assinar os meus trabalhos na frente porque eu acho que aquilo vai implicar um bocado com o trabalho.

**Às vezes, até me esqueço de assinar. [...] Mas eu também não acho importante assinar, porque [...],**

se não estiverem assinados e se eu nunca for famoso, não tem interesse nenhum estar assinado ou não; mas se eu for famoso, também não há dúvidas que aquilo é meu. Portanto, quer dizer, numa situação ou noutra, a assinatura não interessa nada.»



## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN

## A arte e o mundo do trabalho



\* E acrescenta:

**«Temos pouco tempo dedicado à cultura. No Orçamento de Estado, não existe uma verba substancial para a cultura. Isto é grave, porque é na cultura que começa tudo.»**

**Abordando a relação entre a arte e o mundo do trabalho, afirma que «O mundo do trabalho devia proporcionar às pessoas a fruição da arte, não só nas artes visuais, mas também na literatura, no teatro.»**

Nós sabemos que, nas realidades políticas onde os trabalhadores são mais promovidos, digamos, as artes e a cultura têm um papel principal e estrutural na vida dos trabalhadores e das pessoas em geral, o que não acontece nestes países como o nosso, em que a cultura é para aqueles que sabem que aquela é que é a cultura que nos promove. Eu lamento ter que dizer isto, a cultura que hoje se dá às pessoas, através dos órgãos de informação, sobretudo a televisão, é precisamente a cultura que mantém as pessoas na ignorância cultural. E isso é notório. Isto é complicado e leva-me imediatamente à ideia de que realmente esta democracia não pode ser uma verdadeira democracia, porque as pessoas não estão, digamos, de posse de todos os conhecimentos necessários para poderem fazer a sua opção de classe, eu não tenho medo de dizer isto, a sua opção de classe. Opção de classe, eu não tenho medo de dizer isto, a sua opção de classe. E é por isso que nós temos hoje partidos a florescerem em Portugal que nada têm a ver com os trabalhadores, antes pelo contrário.»

A emancipação de um povo começa na cultura, nas escolas, nos museus, nas actividades culturais. E isso nós não temos, por alguma razão é, provavelmente, ninguém estará interessado em que... em que as pessoas se promovam e que percebam e saibam escolher.»



*Alavanca*, n.º 24  
Abril de 1979, p. 30.

## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN

# A doação à CGTP-IN

***Aos setenta e cinco anos de vida, cinquenta e três de actividade artística, decidiu doar à CGTP-IN uma copiosa parte da sua obra. Do auto de doação assinado a 21 de Janeiro de 2022, constam oitenta e uma obras,***

a que se junta uma aguarela que o autor já havia doado à CGTP-IN no âmbito da Exposição de Artes Plásticas que esta confederação promoveu, em Julho de 2021, no Páteo da Galé, em Lisboa, no quadro do programa comemorativo do seu 50.º aniversário.

Contextualizando a doação, Luís Rodrigues justifica: «[...] a doação que eu fiz à CGTP tem como último objectivo talvez o tal espaço que um dia exista para que os trabalhadores possam fruir.

E que esse espaço se possa tornar grande e até para além das artes plásticas, que tenha muito mais coisas e que tenha muitas iniciativas, porque isto é um lugar de resistência, digamos que a CGTP não é apenas um lugar que luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, é um sítio onde se luta pela mudança da sociedade, o que a CGTP quer é a mudança da sociedade. E eu acho que essa, digamos, essa actividade cultural que virá a ter, acredito que venha, faz parte dessa luta também, porque isto é como se fosse uma nódoa, cai um pingo e depois alastra.

E isso pode ser... não é uma nódoa no mau sentido, mas é a possibilidade de que isso, juntamente com as autarquias, que temos algumas que



também estão empenhadas nesse trabalho, possa alargar, quer dizer... não é isto que vai resolver o problema político do nosso país, mas é uma ajuda.

***A arte está directamente relacionada com as condições políticas do países.»***





## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN

# “Eu sou o princípio daquilo que hei-de vir a ser”

Este foi um pensamento juvenil, quase adulto, que as luzes da cultura, nomeadamente francesa, nos lançava no romantismo do pensamento como actores dos inesquecíveis anos 60. Nada mais propício, no meu caso, para tomar o caminho das artes. Cinquenta e três anos depois aqui es-

tou com a obra debaixo do braço a entrar pela porta da CGTP-IN. Partindo da admiração e reconhecimento pela atividade na defesa dos trabalhadores e da transformação da sociedade que a CGTP-IN desenvolve, achei possível fazer de algumas paredes desta central sindical, o lugar onde

acabariam a sua função alguns trabalhos da minha produção de décadas. A recepção calorosa, por parte dos seus dirigentes, deu-me a certeza do acerto da minha decisão.

***Aqui chegado, na vida e neste texto, digo:***

***Sobre a Arte, o que posso dizer é que no último encontro que tive com ela confessou-me friamente que já nada podia fazer por mim, que teria de ser eu a fazer alguma coisa por ela.***

Luís Rodrigues



© CGTP-IN/Jorge Caria.

## ACERVO MUSEOLÓGICO DA CGTP-IN

## Luís Rodrigues, Pintor

Conheci-o há muito tempo numa associação de artistas plásticos de que ambos fazíamos parte. Conhecer não é, apenas, identificar o fenótipo, saber do conteúdo ou das emoções que nos distinguem dos demais. Conhecer, é percorrer a essência do outro através do entendimento nem sempre direto. Nada melhor, conseqüentemente, que ler a obra, sentir a sua verdade intrínseca, analisar os mecanismos de criação que surgem no caminho percorrido.

Da linha à mancha, da textura à composição, da ideia que surge e permanece, límpida e visível, à que se deixa corromper pelas dificuldades do caminho. Saber o outro é avaliar as suas potencialidades, ler a liberdade que preside à construção da sua comunicação estética e inferir sobre as muitas vertentes que culminam na assinatura do trabalho, tantas vezes inacabado, a pedir outra tentativa e maior perfeição.

**Predominantemente aquarelista, nem por isso Luís Rodrigues marginaliza outras técnicas que servem, com valor, o seu trabalho.**

Nele há, luminosamente decantadas, ideias simples que suportam o seu mundo: linhas que, sinuosas, preenchem o espaço, manchas que nos remetem para o estar lírico de um verdadeiro poeta da cor, da luz, das formas, das ideias. Arte, a habilidade no dizer latino, a comunicação sem correspondências meramente reais, a essência que habita cérebros privilegiados, acentua-se em Luís Rodrigues em obras sempre impressionantes, fruto de um viver atento pleno de grandeza e humildade, de sabedoria e experiência, de remissões e regressos, de memória.

O olhar mais profundo sobre as coisas, o exibir a importância do supérfluo mostrando-o à cegueira do iniciado, o guardar tesouros de linguagem, o fazer partindo de conceitos universais tantas vezes esquecidos, eleva a qualidade do que lhe exige a obra, do que lhe pede o tema, do que resulta, metafórico, na poética antes referida. Não resisto a incluir nestas notas, um texto de Luís Rodrigues, datado de 2021, aludindo à chegada da Primavera. Estas palavras são a síntese de uma personalidade que evoca a

esperança e a transforma, ardente, na sua própria vida: *«Sinto uma certa esperança quando chega a Primavera e tiro da minha cama os lençóis de flanela. Tudo me cheira a passado no aroma dessas roupas.*

*Não consigo evitar uma certa liturgia nesse afazer que quero lento e envolve música e recolhimento. Feita a tarefa, restaurado o leito, deito-me sobre o meu passado e adormeço num sonho primaveril da minha infância.»*

É o retorno, o recomeço, o renascer. É a preservação no homem maduro da criança que foi.

Edgardo Xavier  
AICA Portugal



# Invisíveis ou talvez não!!!

(recensão crítica de *As Invisíveis*)

**Rita Pereira Carvalho é jornalista e autora de um simpático livrinho intitulado *As Invisíveis*, editado pela Fundação Francisco dos Santos na sua colecção *Retratos da Fundação*.**

**Quem são as invisíveis?** São as trabalhadoras de limpeza das empresas prestadoras de serviços de limpeza industrial, que laboram nas instalações de utilizadores (clientes) que compram este serviço a empresas especializadas.

Porque é que a autora as designa desta forma? Porque as condições de trabalho destas trabalhadoras são específicas – habitualmente, trabalham fora do horário de laboração dos trabalhadores do cliente e geralmente não se cruzam nem interagem com eles. Daqui resulta que estes não tenham consciência da existência de uma equipa que trata da limpeza e higiene das instalações que utilizam para realizarem a respectiva actividade profissional.

O trabalhador que não pensa nesta realidade (ou não a quer ver) não valoriza que, no momento em que se senta no escritório, começa a conduzir uma viatura, entra na fábrica ou na loja comercial, a limpeza do espaço onde vai exercer o seu próprio trabalho já foi o espaço de trabalho de uma outra pessoa: a trabalhadora de limpeza industrial que o higienizou (pelo final da tarde ou durante a noite, no dia anterior ou na madrugada desse mesmo dia) e o deixou em condições para que, comodamente, exerça a sua profissão.

**Rita Pereira Carvalho interessou-se por esta realidade laboral quando realizou um trabalho de investigação para uma reportagem sobre mulheres que limpam – altura em que chocou frontalmente com o trabalho e a vida das trabalhadoras de limpeza industrial.**

A riqueza social desta realidade laboral foi de tal forma expressiva que a autora se envolveu emocionalmente e se debruçou sobre ela com a vontade de alguém que a quer ver com a máxima atenção. **Utilizando a metodologia de observação participante, Rita Pereira Carvalho partiu para o terreno, falando e entrevistando as trabalhadoras acerca do seu trabalho e da sua vida, as esperanças, os objectivos**, as desilusões e os problemas profissionais e familiares que possuem.

A autora, dando a palavra às próprias, regista as condições de trabalho, destaca os baixos salários e baixos níveis de literacia e de qualificação profissional; identifica a especificidade dos horários de trabalho (em especial, de madrugada) e a proeminência do trabalho a tempo parcial; a sobrecarga de trabalho, com 10-12 horas diárias, como única forma de aumentar o rendimento mensal; a feminização da profissão; a grande importância da imigração e os casos de racismo e de assédio moral; as desigualdades e as discriminações.

Em seguida, com esta caracterização socioprofissional empírica e suportando-se em estudos científicos, observa transversalmente a relação entre uma profissão socialmente desvalorizada e mal remunerada com as condições de vida (em especial, as da habitação, as enormes dificuldades em conciliar a vida profissional com a familiar e o esforço realizado pelas famílias monoparentais) e o ciclo de reprodução social da pobreza, de que o trabalho no sector da limpeza industrial é um reflexo.

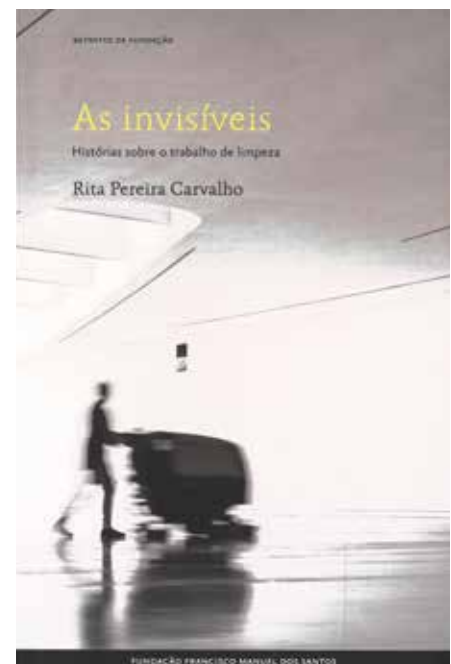
Porém, Rita Pereira Carvalho tem os olhos bem abertos e quer ver bem esta realidade aparentemente invisível. Assim, dá espaço e destaca a importância da

acção e luta sindical do sindicato que representa as trabalhadoras, o STAD, as vitórias que obtêm e a procura constante da dignidade humana e respeitabilidade profissional.

**Este trabalho de Rita Pereira Carvalho merece ser lido por todos os que beneficiam do trabalho destas trabalhadoras (para que vejam o que até agora era aparentemente invisível...)**

e, em especial, por sindicalistas, pois este, além de ser um excelente exercício literário, é também um oportuno guião para a acção sindical.

Carlos Trindade





**SINDICATO  
DOS TRABALHADORES  
DA MARINHA MERCANTE  
AGÊNCIAS DE VIAGENS  
TRANSITÁRIOS E PESCA**

## **CENTRO DE FÉRIAS** **COSTA DA CAPARICA**

O **SIMAMEVIP** - Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Agências de Viagens, Transitários e Pesca no âmbito das suas actividades de tempos livres possui um Centro de Férias na Costa de Caparica, constituído por 16 moradias com capacidade até 6 pessoas e implantado num espaço arborizado a cerca de 200m da praia de São João.

**Está disponível para usufruto de  
todos os sócios do Movimento  
Sindical Unitário.**

### **MAIS INFORMAÇÕES EM:**

 [simamevip@simamevip.pt](mailto:simamevip@simamevip.pt)

 217 802 250

 Sede Avenida Alvares Cabral nº19 Lisboa

